



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

13 de Janeiro de 2001 • Ano LVII — N.º 1483  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## O Lar do Porto órfão de Mãe

**O** ano acabou com o desaparecimento de mais um membro deste corpo tão fragilizado dos obreiros da Obra da Rua.

A senhora D. Diamantina entrou no Lar do Porto no ano seguinte ao da morte de Pai Américo. Veio render D. Isaura que, pela sua idade e achaques, já não podia mais. Estava então na força da vida, mas a saúde já não era famosa e, ao longo dos seus quarenta e quatro anos de serviço, tivemos muitos sustos. Porém, segundo o adágio «mulher doente, mulher para sempre», ia arrebitando de cada crise com renovado vigor. E assim foi criando gerações de filhos que hoje vão em netos e bisnetos.

Discreta, muito agarrada ao seu cantinho, tinha o jeito de marcar os rapazes e até as suas namoradas quando eles chegavam a esse momento da vida. Quantos e quantas acompanhou, mãe para eles e também mãe (não sogra!) para elas. Foi bonito vê-la, nos seus últimos anos, tantas vezes rodeada por estes casais e até particularmente assistida por algumas das mulheres, que lhe faziam companhia em casa nos fins-de-semana, quando ficava sozinha, e nas idas ao médico e a tratamentos!

Deus compensou-a da sua consagração de tantos anos com este encontrar-se em família e conservar-se no seu cantinho, o que foi possível com a dedicação da empregada que estava durante o dia e da senhora que ficava com ela de noite.

Ali queria acabar os seus dias, o que quase aconteceu, não fora a derradeira crise tê-la levado ao Hospital, onde, em menos de dois dias, a morte a visitou. No nosso último encontro, na manhã de segunda-feira em que viria a finar-se, ainda me pediu cheia de energia: — *Leve-me daqui. Eu não quero ficar aqui.* Claro que não podia ser no estado difícil em que se encontrava. Mas vinte e quatro horas depois, regressou à nossa Casa e aí esteve em nossa companhia as últimas horas neste mundo. Ali celebrámos duas vezes. Dali saiu o funeral.

Foi a enterrar justamente no dia do seu aniversário: 89 anos em que bem cumpriu o ofício de viver.

Apesar da sua idade e de ultimamente já nada poder fazer, era uma presença que dava peso e estabilidade ao nosso Lar. A sua belíssima cabeça ainda me lembrava muitas coisas de que a minha, pobre, se esquecia. E esteve atenta até ao fim à vida dos rapazes e do Lar. Deixa uma falta grande! Quem a substituirá?

Os apelos repetidos do Padre Acílio ainda não encontraram resposta. O mesmo acontece no Calvário, onde nem com dinheiro se tem encontrado quem garanta a confecção das refeições no fim-de-semana, nem a presença maternal da dona de casa ao longo de toda ela.

É uma nota triste do nosso tempo esta falta de coragem para servir. O nosso Lar do Porto também ficou órfão de Mãe.

Até quando?!

Padre Carlos



Casa do Gaiato de Paço de Sousa — O berlinde está na moda!

### BENGUELA

## Filhos abandonados

**E**STOU a escrever no dia da Sagrada Família. Um dos primeiros actos foi a reunião dos chefes da nossa Casa. Chamam-lhe o «conselho de ministros da república» da Casa do Gaiato. Acho graça a este comentário feito pelos rapazes. É, sem dúvida, uma forma organizada de participação na vida da Casa; e é de tal maneira importante que, sem ela, não vejo como levar a gestão da nossa vida.

Queremos viver à semelhança duma família. Se o problema dos filhos abandonados é, antes de mais, um problema de família, nessa linha deve ser procurada a solução. Bem sabemos que a resposta perfeita é a família natural em que a criança veio à luz do dia, onde devia crescer e desenvolver normalmente a sua personalidade. Infelizmente não acontece sempre assim. Daí a necessidade doutra família. A Casa do Gaiato quer ajudar a resolver este problema. Nasceu

há mais de sessenta anos com esse fim e permanece com a mesma alma de então.

Os filhos nascidos fora da família estável onde o amor e o respeito são o fundamento, está a preocupar-me cada vez mais. Falei deste assunto, ontem à noite, aos meus rapazes que, em grande número, estão para além dos dezoito anos. Apelei à sua experiência de filhos sem o lar natural. A tendência do mundo é favorável às experiências sexuais de toda a ordem, a partir de certa idade. À nossa volta e por aí além, multiplicam-se as mães adolescentes. Os filhos vêm ao mundo sem a família a que têm direito. Por outro lado, as famílias já constituídas degradam-se e desmoronam-se. É um verdadeiro flagelo social a que não se presta a atenção necessária.

Ao passar, ontem, por uma rua da cidade, dei conta de alguns miúdos deitados no chão, encostados a uma parede.

Vieram ter comigo e conversámos. Apeteceu-me pegar neles e trazê-los para nossa Casa. Não o fiz porque não tenho lugar; e não era a solução porque têm casa. Mas que casa? O que é uma casa sem amor, sem respeito? O que é uma casa onde o pai chega embriagado, bate na mulher e nos filhos? O olhar destes meninos cruzou-se com o meu olhar a perguntar-me: amas-nos; aceitas-nos? É verdade que as crianças fazem uma espécie de «exame» contínuo aos pais. No seu modo de ser, há um interrogativo a chamar os pais à sua responsabilidade. Quem me dera trazer aquelas crianças para junto de mim!

A situação das crianças é um desafio para toda a sociedade. As famílias são, contudo, mais fortemente interpeladas. Os filhos têm direito à ajuda do pai e da mãe, na complementaridade dos seus dons. É essencial para eles.

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**QUADRA NATALÍCIA** — Entregámos à senhora Rosa a sua casa já quase pronta, reconstruída e aumentada.

Um Natal feliz para essa Viúva que teve ainda a felicidade de receber a visita dos filhos, trabalhadores do sector primário, em França.

Na parede de granito da moradia há uma placa, de azulejo, com o nome dos doadores: *Do Pessoal das Obras Públicas da Beira (Moçambique)*. Oferecida a Pai Américo na Cidade da Beira, Costa do Índico, em 1952. Fomos testemunha!

A área do prédio ficou já definitivamente limitada. A cozinha está um amor! Além da sala de entrada há mais dois quartos. O quarto-de-banho tem os necessários pretences. Na encosta do monte houve necessidade de instalar uma canalização exterior para as águas pluviais, defendendo a casa das enxurradas.

A pobre mulher exulta d'alegria, com lágrimas nos olhos: — *Eu nunca vivi numa casa assim...!*

A obra foi executada por um pequeno grupo de trabalhadores. Curiosamente, eles próprios ergueram já os tectos de suas casas, aos pouquinhos, em regime de Autoconstrução.

Enfim, a moradia entregue à senhora Rosa ficará por oitocentos e cinquenta mil escudos.

**A VOZ DO PAPA** — Aos jornalistas: *«Desejo saldar uma dívida pessoal de gratidão aos inumeráveis jornalistas que, ao longo do meu Pontificado, se esforçam por dar a conhecer as palavras e obras do meu ministério. Os jornalistas não podem estar guiados unicamente pelas forças económicas ou interesses particulares. Nenhuma liberdade de expressão, é absoluta e tem os seus limites no respeito à dignidade e à legítima liberdade dos outros».*

A governantes e parlamentares: *«O cristão que intervém na política deve fazê-lo 'como cristão', deve agir desinteressadamente, não buscando o interesse pessoal, nem do seu grupo ou partido, mas o bem de todos e cada um; e em primeiro lugar, o bem daqueles que vivem, na sociedade, mais desfavorecidos. Na luta pela vida que às vezes assume formas desumanas e cruéis, numerosos são os 'vencidos' que ficam inexoravelmente postos de lado (...).»*

**PARTILHA** — A assinante 33337, de Aqualva, Cacém, reparte 29.400\$00 pelos nossos Pobres. É assinante d'O GAIATO, «há muitos anos, e dele tenho recebido grandes ensinamentos» — disse.

Lisboa: Um cheque da assinante 32517. Tenha fé e esperança!

Assinante 26731, da Póvoa de Varzim, com outro cheque «para o que melhor entenderem — em sufrágio de meu marido e minha nora».

Braga: «Para aquela família mais necessitada que encontram em vossas visitas domiciliárias», dez mil, e os votos da quadra — acentua a assinante 67665.

Assinante 20856, de Espinho, comparece, desta vez, com a «contribuição do segundo semestre de 2000 e mais uma migalha para o Natal».

Ovar: Outra presença assídua, do assinante 42971, para «os Pobres mais necessitados e envergonhados».

Assinante 56941, do Porto, «pequeno donativo e um agradecimento pela pontualidade d'O GAIATO».

Ponte de Sor: Cinco mil, do assinante 59467, qualificando a

oferta de «pequeno óbolo». Almada: Dez mil, da assinante 47887. Monte Estoril: Idem da assinante 66487, que afirma «ser pouco, mas é o que é possível». Desabafos d'almas grandes...!

Assinante 14493, do Porto, presente «com a contribuição do mês de Dezembro, não esquecendo a consoada».

Vila Nova de Gaia: Setenta mil, da assinante 524 com «felicidades para todos».

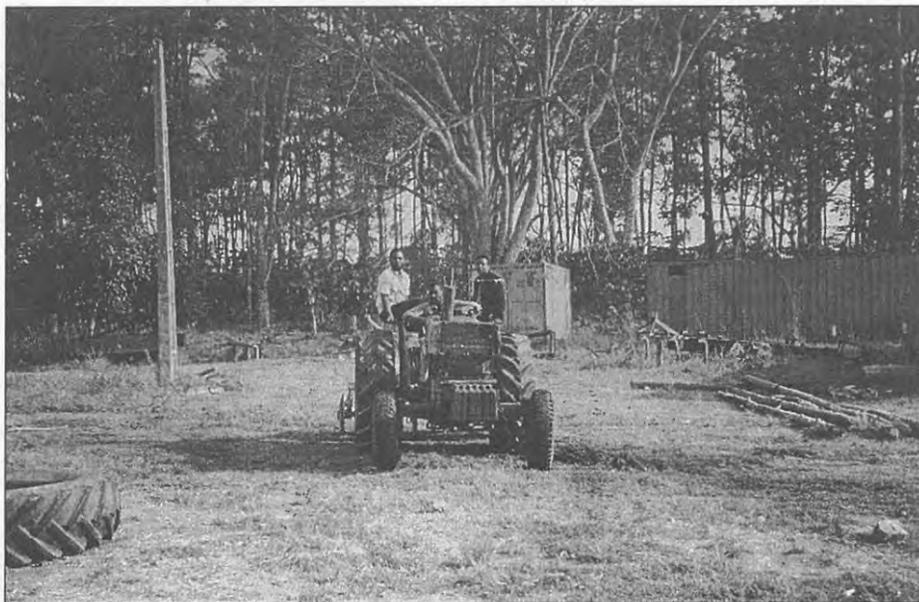
Assinante 64240, de S. Mamede de Infesta, presente com dez mil, «para aplicarem onde forem mais necessários».

Seis mil, da assinante 35019, da Capital, «pequeno auxílio para a consoada duma família».

Retribuímos os votos de santo Ano Novo e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes



Casa do Gaiato de Malanje

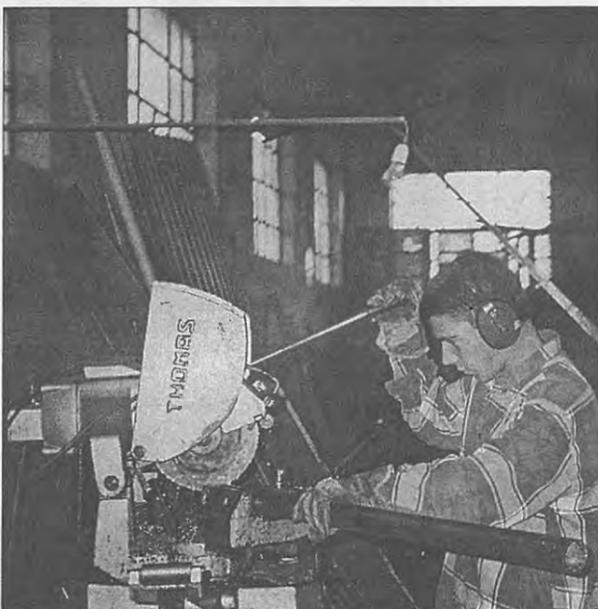
**VACAS E PORCOS** — Elas, estão a dar-nos bastante leite. Eles, cada vez mais gordos e a crescerem bem para, quando for necessária a sua carne seja para a mesa das nossas festas.

✠ A senhora D. Diamantina que, há mais de quarenta anos, serviu a nossa comunidade do Lar do Porto, Deus chamou-a, no fim de muito tempo a sofrer. Tinha já 89 anos. Passaram pelas suas mãos, gerações de gaiatos que estudavam e trabalhavam no Porto e arredores. Era a sua mãe. Está no Reino de Deus.

Filipe David

## TOJAL

**SAUDAÇÃO** — Votos de feliz Ano Novo para os nossos amigos Leitores e que este ano seja de alegria, paz e amor. Agradecemos a vossa colaboração. Ainda mais do que tudo isso, é o vosso amor e calor que nos torna Homens de amanhã.



Serralharia da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

## RETALHOS DE VIDA

### «Puma»



*Sou o Eugénio Manuel José, mais conhecido por «Puma». Tenho 18 anos de idade e estou, cá, há cerca de três anos e meio.*

*Sou natural de Malanje e vivi na carreira de tiro. Vim para a Casa do Gaiato em 1996. Estou aqui porque perdi os meus pais muito cedo e vivia com os meus tios. Eles não tinham possibilidades de me matricular numa Escola. Falaram com as Irmãs para ficar na Casa do Gaiato. Aceitaram o meu pedido. E só assim me sinto feliz porque estou a estudar. Frequento o 8.º ano e quero ser enfermeiro. Eu e a minha irmã.*

«Puma»

## PAÇO DE SOUSA

**FÉRIAS NATALÍCIAS** — Nestas férias tivemos muitos visitantes que nos encheram de alegria e de amizade. Ofereceram produtos alimentares, doçarias, etc. Muito obrigados.

Na véspera de Natal, como habitualmente, houve uma consoada festiva, uma receita barulhenta preparada por alguns com dotes artísticos. Depois, a Missa do Galo. Por fim, uma tigela de cacau e o momento mais esperado: a entrega das prendas a todos e cada um. Ficaram muito contentes.

**AS NOSSAS CASAS** — Precisam de ficar mais bonitas, com adequados adereços. São casas rusticadas... Por isso, entre os nossos Amigos, quem tiver objectos ou mobiliário

postos de parte, mas que sejam úteis, poderiam ter a bondade de no-los oferecer. Agradecemos antecipadamente.

**VACA** — Abatemos uma, da nossa manada, para as refeições da quadra natalícia. Que ricos bifos!

«Melão»

**NATAL FELIZ** — Na quadra natalícia recebemos muitos presentes e tivemos a barriga cheia de coisas doces.

Em outras partes do nosso País, e do Mundo, muita gente não tem comida nem doces nem presentes...!

**ANO NOVO** — A festa da mudança d'ano, já que boa parte da comunidade foi até casa, festejamo-la no bar com champanhe, etc. Depois, tomámos cacau, bem quentinho, e cada um seguiu para o seu quarto.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Dezembro, 64.700 exemplares.

**VISITANTES** — Continuamos a receber grupos de Escuteiros que nos vêm visitar, sempre com alegria, paz e amizade acima de tudo. No dia 17 de Dezembro recebemos, também, um grupo folclórico que veio oferecer um grande espectáculo no nosso salão. Foi maravilhoso. Valeu a pena. Um dos nossos rapazes fazia parte do grupo.

**ANO NOVO** — É uma alegria com a família nestes dias de festa.

Muitos, em nossa Casa, têm família e vão passar o fim do ano a casa. Mas é triste para quem já desconhece a palavra mãe, pai, tio, primo, avó, avó, por vezes até mesmo irmão...!

Muitas vezes tentam fugir dessa manifestação porque, para eles, não lhes traz felicidade, sim tristeza...

Não são culpados! O mundo é mesmo assim. Temos de

aceitar o que nos foi dado, ou seja, «temos de levar a cruz que Ele nos deu».

Os rapazes que foram a suas casas no Ano Novo já estão de regresso. Mais um ano que temos de enfrentar. Esperamos que seja de mil maravilhas e tudo corra da melhor maneira, aproveitando as oportunidades que nos têm dado.

**CIRCO** — Para os «Batatinhas» não podia ser melhor do que ir ao circo, pois é o seu melhor passatempo.

Quando regressaram, estavam muito contentes porque traziam muitas prendas *Playstaison*.

Abílio («Pequeno»)

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Consegumos dar uma consoada aos nossos Pobres e, com muitas migalhas, fizemos o bolo para eles.

Ao escrever esta crónica, lendo as cartas dos nossos Amigos, não conseguimos deixar de nos emocionar com o carinho com que nos tratam! Será que somos merecedores desse carinho que nos dedicam? Deus queira que sim.

Esperamos que tenham tido um santo Natal. E o Ano Novo de 2001 vos traga o que mais desejam, nunca esquecendo que o Senhor, nosso Pai, estará sempre disposto a ouvir-nos.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Amiga, de Fiães, cheque e uma quadra de força; A. Pinto, roupa de bebé; assinante 11282, cheque de 10.000\$; Olímpia, 12.500\$; Rosa, um cheque de 10.000\$; assinante 53495, cheque de 10.000\$; assinante 67835, um cheque; 32986, um cheque; 4650, cheque de 20.000\$; Maria das

# Cartas

## Pontos de vista

«Admiro muito o vosso trabalho, embora nem sempre concorde com a defesa de alguns pontos de vista no nosso O GAIATO.

Já se atacou nas suas páginas a C.G.D. quando praticava o 'Crédito sobre penhores' que, apesar dos alegados juros altos, era deficitário como, atentas as minhas funções, pude comprovar.

Mas o importante é a Obra e algum 'quixotismo' na defesa de opiniões, também se justifica, sobretudo quando se convive, de perto, com tão ingénuos problemas e com tantas necessidades!

Assinante 29707»

## Sigilo absoluto

«Antes de mais, tenho que pedir desculpa. Não porque tivesse prometido nada, mas porque prometi a mim que o faria antes.

De facto, já há bastante tempo que tinha estipulado comigo mesmo uma determinada quantia para a Casa do Gaiato. É hoje, é amanhã... e o tempo vai passando... É difícil separarmos do dinheiro, especialmente quando não recebemos nada (imediatamente) em troca. Sei que não devia ser assim, que é triste a sociedade em que vivemos, que nos incute este tipo de sentimentos, mas não é fácil resistir...

Enfim, finalmente, hoje cumpro a minha 'promessa'. Desculpe ser pouco. Mas acredite que o faço com alegria. Fico contente por finalmente me ter libertado deste 'peso'.

E se me permite, em 'troca', queria apenas pedir duas coisas:

Não deixem de dar notícias sobre os animais e as plantações das vossas quintas. São as notícias mais puras e saudáveis que algum órgão de comunicação pode dar.

Não comente esta carta com ninguém. Não gosto que a minha 'esquerda saiba o que fez a direita'. Muito menos que outra 'mão' saiba o

que fez a minha. Por isso, peço que guarde sigilo absoluto sobre isto.

Leitor de algures»

## Envergonhada

«Já há muito tempo que não dava sinais de vida.

Têm sido tempos atribulados, com serviço acima da linha de água, um pouco pelo País todo e pelo estrangeiro, e com a filha entre a pré-primária e a primeira-classe.

De cada vez que recebia O GAIATO, pelo qual consigo, pelo menos, passar os olhos, dizia de mim para mim: — Tenho que me sentar e tratar destes Amigos. Mas lá vinham outros que me desviavam.

Hoje é sábado, trouxe o portátil para dar um avanço no trabalho, mas ainda não o liguei, e a filha foi com a tia escolher um vestido para o aniversário. Está, pois, criado o momento — e aqui estou eu!

Mando, 'envergonhada', um cheque para ser mais uma migalha a apoiar a vossa Obra, sem conseguir prometer uma assiduidade mais digna. Até sempre.

Assinante 19374»

## Motivo de gratidão

«Venho cumprir a grata obrigação que há anos me propus — uma 'taxa anual' em acção de graças pela possibilidade que Deus me deu de, até agora, ir colaborando na construção das casas de habitação dos meus dez rapazes.

O sorriso que vejo na fotografia de Pai Américo que vós me enviastes, há alguns anos, num 16 de Julho, e que tenho no meu escritório, diz-me que faço bem.

A aplicação desta gota de água, no Património dos Pobres, na Autoconstrução, ou onde achardes melhor, será motivo de gratidão.

Esposa de assinante»

## Modesta contribuição

«Em boa verdade O GAIATO não tem preço, pelo que não será correcto considerar uma liquidação. Considerem que é apenas uma modesta contribuição.

Muito agradeço que continuem a beneficiar-me com o seu envio que me enche a alma e dá mais sentido à vida.

Assinante 16024»

## O encantador!

Não o cultivem

Como guru

Porque ele apenas

Acendeu uma luz...

Com as suas amistosas prendas

Ele só queria

Que vivêssemos

A alegria das suas fantasias!

Não o comercializem

Como governante

Porque ele esteve distante

De qualquer poder.

Ele só queria

Que vivêssemos

O agradável prazer

Dos seus gestos límpidos!

Não o relembrem

Como lenda

Porque ele existiu mesmo!

E ainda permanece vivo

No nossos sentimentos!

Reside ainda

Nos nossos corações

Se formos puros e livres

Da avidez e das futilidades.

Apesar das televisões

O mostrarem como vendedor

De caros e falsos sonhos,

Ele só queria

Que vivêssemos

Cada feliz instante

Do nosso quotidiano

Durante todo o ano!

O encantador

Pai Natal!...

Manuel Amândio

Dores, um cheque; assinante 6313, cheque de 10.000\$; Amigo J.R.D., com um abraço; assinante 14081, 5.000\$; assinante 61088 para ajuda do cabaz de Natal para os Pobres; M.M., vale de 15.000\$; assinante 39967, cheque de 10.000\$; Póvoa de Varzim, cheque de 5.000\$; donativo, anónimo, de Lourosa; assinante 17057, de 70 anos, diz: «Comecei tarde, mas comecei». Bom Amigo, nunca é tarde para praticar o bem.

Manuel Oliveira, 7.000\$; assinante 40795, um donativo; Emília Ferreira, 5.000\$; anónimo, «para ajuda da consoadá»; assinante 33275, com «votos de Paz e bem viver em Cristo»; assinante 47518, cheque de 5.000\$; Amador, com um cheque; Antunes, de Lisboa, a sua oferta mais o poema, que tomamos a liberdade de publicar:

## Aos vicentinos

Atendei-nos meu Senhor: Dai-nos o éden da bondade, O império do santo amor E o reino da caridade.

Aos vicentinos dai alento E bondade celestial P'ra levarem amor e sustento Aos Pobres, agora e sempre, Visto que é sempre Natal.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

## SETÚBAL

ANO NOVO — Cerca de vinte rapazes foram passar o Ano Novo com membros da sua família de sangue. São os mais velhos, mas nem todos. Muitos passaram-no conosco e ajudaram a fazer a festa: Fizeram as refeições, puseram as mesas e levantaram-nas. Ligaram a música e dançaram com todos.

Os que saíram, andavam nervosos, antes da partida. O nosso Padre Acílio só deixou os que mereciam, mas muitos mereciam e preferiram esta família.

A novidade foi que muitos vieram unidos de telemóveis que as tias, os tios e as madrinhas lhes ofereceram. Estes objectos de comunicação transformam-se em mais uma janela aberta prò mundo, para o bem e para o mal. Os familiares só viram o bem e quiseram ser agradáveis aos rapazes, mas de certeza que vai haver sarilhos.

São igualmente objectos de consumismo. Longe de serem bens de primeira necessidade, dispersam-nos para uma vida pouco económica. E a educação prà economia é uma batalha contínua em nossa Casa. Os familiares como não educam nem foram educados nela não a sentem.

ESTUDO — Durante as férias do Natal, quem teve más notas foi obrigado a estudar algumas horas por dia. Foi fácil organizar os grupos. Quem teve classificações altas foi ensinar os mais novos. Também aqui fizemos uma Obra da Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

O «Pipas», que tem treze anos, tomou conta dos mais

desleixados da Telescola — 5.º ano. Com ele não refilaram e alguns eram mais velhos.

Outros que são irmãos de sangue ensinavam os mais atrasados.

Foi também uma forma de ocupar o tempo, já que esteve chuvoso e não deixou ir para o campo.

CALÇADA — Deram-nos pedras de calçada.

À beira-rio, os serviços oficiais estão a modificar as vias de comunicação e os espaços de lazer. Andam a arrancar umas pedras para pôr outras.

Nós fomos lá carregar com a nossa camioneta as pedras usadas para utilizarmos em nossas avenidas. Também um construtor nos deu cubos e paralelepípedos de granito que estavam num aterro. A malta andou a desenterrar com pás, enxadas e picaretas. Quando cá vieres e observares as nossas calçadas fica a saber que isto é muito trabalho nosso. Fizemos coisas lindas com aquilo que os outros rejeitaram. Foi também ocupação das férias do Natal.

Repórter zero

## DOCTRINA



De como nasceu a Casa do Gaiato de Coimbra

ONDE nascem as obras humanitárias, senão somente no coração dos homens? Jesus de Nazaré, Rei e Centro dos corações, foi tão homem que muitos não acreditaram naquele tempo, nem hoje ainda acreditam, que Ele seja Deus. Pois é unicamente d'Ele que procede todo o valor divino das obras humanas. Sem Ele, as mesmas obras são comércio e os obreiros, negociantes.

A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo é um reduto de amor. Veio da experiência do tugúrio, onde a criança enxameia. Comprou-se para ela uma quinta e pensou-se em dar-lhe forma e função de estância de repouso. Daí o nome Casa de Repouso do Gaiato Pobre como é conhecida em instrumentos oficiais. O pequenino era apresentado ao médico responsável, conduzido à vivenda, deitado no leito e tratado com paninhos quentes. Porém, cedo se descobriu a maravilha das sopas de leite e deu-se mão à receita do médico, sem perder o respeito que se deve à sua pessoa e ao seu muito saber.

Ó número de garotos sobe. Principiámos com três deles, em Janeiro de 1940, e no fim daquele mesmo ano estávamos na casa das dezenas. Já não é considerado «doentinho» o catraio que chega; é antes um doente da alma, que se cura com trabalho e pão. Na primeira semana, é hóspede. Mira em redor; informa-se; decide-se. Se resolver ficar, marca-se-lhe obrigação e passa às mãos do irmão mais velho. Começam então os trabalhos dele, mai-los de quem orienta. É muito difícil obrigar o rapaz de rédea-solta, sobretudo em uma Casa que exclui absolutamente castigos e prisão.

As nossas armas são o carinho, a justiça e a verdade, alimento adequado à criança do solavanco do mundo. Durante os quatro anos de existência que a Casa tem, só quatro fugiram e quantas dezenas deles se prenderam voluntariamente à Obra! O nosso cárcere é às avessas dos mais: não prendemos; são eles que se prendem. Temos castigos morais, alguns tremendos. Quem não trabalha não come — eis o maior de todos. Não comer, para quem somente aspira a comer — a maior das punições! O pequenino chega da sua obrigação. Trabalhou, comeu. Trabalhou pouco, comeu pouco. Nada, nada.

Os mais refilões protestam adoravelmente. Nada mais encantador no mundo do que observar o garoto à-vontade, reclamar espontaneamente o que lhe parece seu: — Ó coisa, dá cá mais! — Sim, responde o irmão mais velho, quando trabalhares mais, comes mais. Ora a justiça deste acto, junta à verdade de que todos são testemunha, cala na alma da criança e torna-a convicta da sua falta. E assim passam de vadiozitos à classe de trabalhadores. Às vezes, topa-se um ao longe a chorar. — Que tens tu? — Vou comer pouco. — Porquê? — Porque trabalhei pouco! Que esforço não faz sobre si esta criança para vencer a força da vadiagem e conquistar, com lágrimas, o amor ao trabalho?

Ai, que se tu soubesses a beleza espiritual que vai escondida na dobra dos farrapos desses nobres Farrapões! Vícios que trazem, delitos que cometem, nunca nada disto se lhes lança no rosto. Eles é que hão-de dar fé, achar a própria consciência, conhecer o seu valor, amar-se, possuir-se. Alguns há que vêm espontaneamente dizer «eu cá roubava», arrependidos — fruto natural e lógico desta forma de educar. O amor do Pai é que trouxe à casa paterna o filho pródigo. Nem Ele lhe lançou jamais em rosto a sua enorme ingratidão. O Evangelho é de hoje e é sempre lição.

A sineta da Casa marca o tempo. Nos trabalhos são monges. Nos recreios, garotos com as clássicas rixas e narizes partidos. De uma vez, um certo senhor ia visitar a Casa, mas como quer que entrasse na portaria e notasse silêncio, foi-se embora: «Andam em passeio». Pois não andavam, não senhor. Estavam em Casa vinte e sete gaiatos, cada um no seu posto!

DA Comunidade de Miranda do Corvo saíram os pioneiros da de Paço de Sousa. Estamos a trabalhar actualmente na formação dos que hão-de tomar a responsabilidade da ordem quando fizermos a nossa entrada na gloriosa Aldeia dos Rapazes. Vamos habitar sete moradias, das dezoito do plano geral. Temos de formar sete dirigentes.

O. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

## Noite longa

**P**OR ser tempo natalício não quis contar, logo de seguida ao meu relato da ida a Moçambique, o mal-estar sofrido no aeroporto de Lisboa enquanto aguardava o embarque no avião.

Foram cancelados dois voos para Maputo e o que me estava destinado para as vinte horas foi diferido para a uma hora do dia seguinte.

Quem conheceu Moçambique e Angola em 1968 e agora volta lá, por amor ao povo, depois de lá ter estado por duas vezes na última década, não leva o coração muito animado. Tanto tempo de espera no aeroporto também nos arrefece a alma, sobretudo se estamos sós ou preocupados com os que deixámos em Casa.

Naquela noite haviam programado também dois voos para Luanda, mas decorria uma greve nos serviços da TAP, de maneira que o aeroporto tinha um movimento reduzido.

# Setúbal

Já no interior do espaçoso e belo edifício dominava a população africana. Eram poucos os brancos que por ali estavam.

Eu vestia uma roupa leve e algo coçada. Com singeleza pobre por me sentir bem assim e ser a que nos dão.

Os angolanos apresentavam-se de fatos modernos, calçado brilhante, eles e elas perfumados e carregados de ouro. Os penteados exibiam-se em formatos e enfeites de luxo. Gente bem nutrida, exalava alegria em todos os grupos com animadas conversas e risos estrondosos.

Quanto mais os observava, mais me entristecia!

Não julgues para não seres julgado, inspirava-me interiormente a consciência; e eu ia calando o coração, reprimindo-o com a sabedoria popular: *as aparências*

*iludem*. Mas era exactamente a exterioridade que me incomodava.

Passava-me diante dos olhos a fome, a doença, a incapacidade, as mortes evitáveis de tanta gente que eu conhecia bem no povo angolano; e uma onda de terrível sofrimento irreprimível tomou conta de mim. Era incontrolável por mais esforços que fizesse. A tristeza inundava-me totalmente.

Pensativo, passeava vagarosamente para matar o tempo quando, inesperadamente, sou despertado por um deles, jovem ainda, mas não muito, que vem ao meu encontro de olhos, boca e braços bem abertos e uma língua muito comprida de fora, em ar de fantasma e me atira com um aaaah... medonho que não me assustou, mas me encheu de pena indescritível.

Passaram então pelos meus sentimentos as notícias das trezentas crianças em cada

mil, até aos cinco anos, que morrem à míngua naquele povo; e um caudal inenarrável de tragédias humanas daquela guerra que jamais tem fim.

E, sem querer, fazia perguntas: De onde vem tanta opulência? Como é possível tão feroz indiferença? Como pode o coração humano chegar a tais extremos?

De repente, vem-me o Crucificado. Era preciso que Ele padecesse e morresse. Crucifica-O. Crucifica-O. Ouvia eu naquela noite longa e inesquecível antes de partir para Moçambique. Nem o avião de que tanto gosto, me deu boa disposição.

## Esteve connosco o Bispo de Setúbal

**M**AIS uma vez esteve connosco o Bispo de Setúbal, Senhor Dom Gilberto.

Festa da Sagrada Família. O Pastor entendeu que a nossa, era talvez a maior da sua Diocese e também das ovelhinhas mais débeis.

Veio carinhosamente iluminar-nos com a sua palavra esclarecedora sobre a família, manifestar o seu apreço pela especial família que somos e consolar-nos com a sua presença na Eucaristia, numa manhã de convívio e na participação do almoço. Sabe-nos muito bem sentir o Bispo pôr-se à mesa com os Pobres.

A autoridade episcopal é a única a Quem nos arrimamos nas horas más e com o pastor da Igreja de Jesus Cristo de quem dependemos totalmente.

É do amor de Deus que vivemos e o Bispo é a presença do Pai.

Padre Acílio

## Benguela

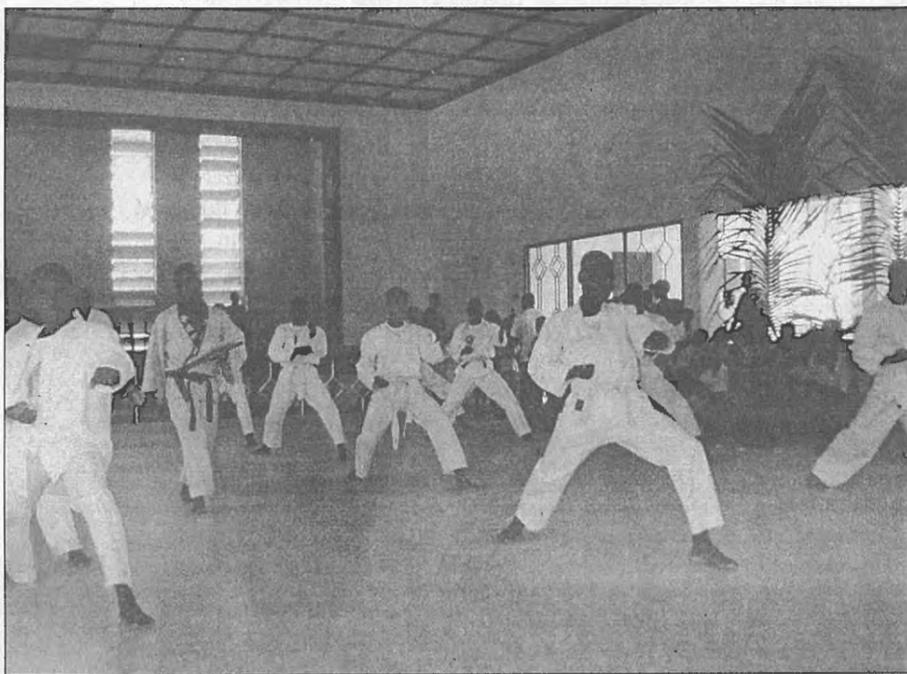
Continuação da página 1

Vem a propósito citar uma passagem do discurso do Santo Padre: «*Não são as crianças já demasiado penalizadas pelo flagelo do divórcio? Como é triste para uma criança ter de se resignar a dividir o seu amor entre pais em conflito! Muitos filhos ficarão psicologicamente marcados para sempre devido à provação a que a divisão dos pais os submetem.*»

O dia da Sagrada Família levou-me a esta reflexão convosco. As sombras são muitas e densas, mas as luzes também brilham. Hoje, véspera de Ano Novo, fui com um pequeno conhecer a família aonde ele quer passar o dia de amanhã. É uma viúva que tem consigo duas meninas, filhas de pais já falecidos. Já se conheciam. Aqui está a resposta mais natural para os filhos que perderam os pais.

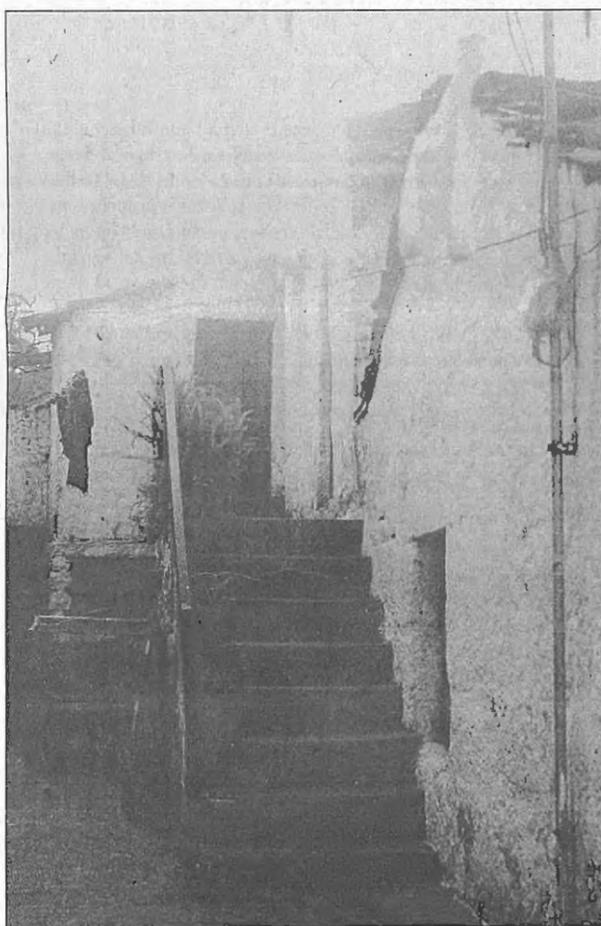
Votos dum Ano Novo cheio das bênçãos de Deus!

Padre Manuel António



Sessão de karaté dos rapazes de Benguela

## PATRIMÓNIO DOS POBRES



## Um alerta

**D**OIS membros de certa Conferência Vicentina deram o alerta: «Temos um caso de uma família muito pobre na nossa paróquia. Gostaríamos que viessem ver!» E fomos...

À chegada, encontramos o pai da família; não trabalha nem tem condições para o fazer. O álcool já há muito que lhe destruiu as capacidades de exercer uma profissão. Pelo contrário, é, para a sua família, uma fonte de despesas.

Depois, surgiu a mãe. Ela, o esteio familiar. Com o seu labor vão-se liquidando as dívidas antes contraídas e a família mantém a sua unidade. Não foi ela que pediu ajuda; foi uma sua irmã que, também vivendo com

muitas dificuldades, se compadeceu e foi ao encontro dos vicentinos.

Dois rapazes, um adolescente e outro mais jovem, são os descendentes do casal.

O estado muito degradado da casa que habitam, foi a causa do alerta. É propriedade da avó dos rapazes cuja mãe é uma entre muitos irmãos. Estes, vivendo do seu trabalho de cada dia, já têm seu «ninho» composto. Esta mãe e sua família, por seu lado, vivem sim num verdadeiro ninho! — uma cozinha e um quarto compõem a habitação que os tem servido ao longo destes anos. Duas camas de casal, no quarto, perpendiculares uma à outra, são o lugar do repouso de todos eles.

Em condições tão desumanas, como é possível esperar outras motivações para viver que não o deixar-se afogar na alienação que o álcool traz?

Só os considerados fracos, como esta mãe, são capazes de encontrar forças para remar contra a maré! Quantas situações paralelas não existem por esse mundo fora?!

Reunidos com o casal e os vicentinos, e porque são vários os irmãos herdeiros, concluímos que o melhor, juntamente com as obras a fazer na casa, será legalizar a situação da propriedade da mesma em favor da fa-

mília que a habita. Depois, na parte existente e que não está habitada, que é um vazadouro para as águas da chuva, far-se-á um telhado novo. Assim, os quartos que já lá existem, passarão a ter uso, e cada membro da família poderá ocupar o lugar que lhe é devido.

Tão simples quanto isto! Agora, só falta juntar-se a nós e, sem que a esquerda veja o que faz a direita, alguém nos ajude a levar as telhas e as vigas necessárias para cobrir de novo o «ninho» que irá abrigar de futuro esta família.

Padre Júlio

## PENSAMENTO

O silêncio é justamente a pedra de toque da Obra da Rua!

PAI AMÉRICO